



ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO
(Organizadora)



SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
2018

REALIZAÇÃO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL

São
Paulo

E BOOK (13.: 2018: São Paulo) Leila S P C Tardivo (organizadora). ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE.- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

In, 2018

Inclui bibliografia.

ISBN: **978-85-86736-93-3**

1. Psicologia clínica 2. Psicologia Social 3. Adolescência

4. Clínica I. Título.

RC467

**A MULHER E A CONCILIAÇÃO DE ATIVIDADES: DIALOGANDO COM A
LITERATURA EMPÍRICA**

Bruna Risquioto Batoni

Carlos Del Negro Visintin

Sueli Regina Gallo-Belluzzo

Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Resumo: Este estudo objetiva realizar um diálogo com a literatura científica nacional sobre como a mulher vem conciliando suas atividades pessoais e profissionais, em que se inclui o fenômeno da dupla jornada. Justifica-se pelo crescente número de mulheres profissionalmente ativas, que consideram a maternidade e o desenvolvimento profissional como metas para sua realização pessoal. Tal situação interessa à psicologia, pois implica em condições concretas de sofrimento que podem afetar diretamente suas vidas e as de seus familiares. Para tal, organizou-se um levantamento de artigos empíricos nas bases BVS-Psi e Scielo.br, utilizando os descritores “mulher e mercado de trabalho” e “mulheres e mercado de trabalho” visando responder a pergunta norteadora: “o que se tem produzido cientificamente a respeito da mulher com oportunidade de construir carreira, de interesse para uma pesquisa psicológica sobre conciliação de atividades?”. Os resultados indicam que, apesar das conquistas femininas, a conciliação de atividades gera sofrimento, pois ainda prevalecem, na sociedade, a divisão desigual de tarefas, a discriminação e a opressão da mulher.

Palavras-chave: mulheres, mercado de trabalho, desenvolvimento profissional, família, sofrimento.

Introdução

Quando nos propomos a produzir conhecimentos que focalizam a dramática de vida da mulher contemporânea, a partir da psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), entendemos que o seu percurso vital está imbricado em condições concretas de existência que, provavelmente, favoreceriam seu sofrimento emocional.

Losada e Rocha-Coutinho (2007), em pesquisa qualitativa baseada na análise de discurso, utilizando entrevistas com mulheres profissionalmente bem-sucedidas, concluem que a maternidade e um relacionamento afetivo-sexual gratificante são vistos como metas para a autorrealização pelas entrevistadas. A conciliação entre os contextos da vida profissional e pessoal, buscada por muitas mulheres na atualidade, são temas recorrentes tanto em estudos sobre maternidade quanto sobre mercado de trabalho (Ferreira, Bastos, & D'Angelo, 2018; Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016, 2017; Zanella, 2018; Zulato-Barbosa & Rocha-Coutinho, 2012).

Tais estudos contribuem para uma discussão acerca de sofrimentos sociais que atingem as mulheres, considerando o contexto emocionalmente desconfortável em que são colocadas, em que se sentem pressionadas, por si mesmas e pelos demais, a cuidarem dos próprios filhos, como se essa fosse sua única ocupação, mas também se dedicarem ao exercício laboral como outros trabalhadores que não se responsabilizam pelo bem-estar de crianças (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016). Porém, essas pesquisas também apontam para mudanças sociais. Por um lado, indicam que a mulher vê sua luta social atendida por meio da inserção no universo do trabalho; por outro, continuam vigentes exigências que se baseiam na crença de que a mãe biológica é a melhor cuidadora e que deveria dedicar-se exclusivamente ao cuidado dos filhos (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017). Ademais, tais cobranças são reproduzidas pelas mulheres (Bartky, 1990). A partir deste panorama, objetivamos dialogar com a literatura científica nacional sobre como a mulher vem conciliando suas atividades pessoais e profissionais, em que se inclui o fenômeno da dupla jornada.

Seleção do Material

Realizamos uma busca pela literatura brasileira na Scielo Brasil e na BVS-Psi visando responder a uma pergunta norteadora: “o que se tem produzido cientificamente a respeito da mulher com oportunidade de construir carreira, de interesse para uma pesquisa psicológica sobre conciliação de atividades?” Usando os descritores “mulher” *and* “mercado de trabalho”, no singular e no plural, obtivemos um total de 46 artigos na Scielo.br e 259 na BVS-Psi, que somados, antes da detecção das produções repetidas, totalizam 305 produções. Descontadas tais repetições, chegamos a um total de 222 produções. A seguir, aplicando um filtro temporal, excluímos trabalhos anteriores a 2013, para chegar à soma de 96 textos.

Tendo em vista o elevado número de artigos, iniciamos nosso trabalho pelo exame dos títulos, resumos e palavras-chave de modo a selecionar aqueles textos empíricos que abordavam a questão da mulher no mercado de trabalho desde perspectivas que conversam mais diretamente com nossas preocupações investigativas. Adotamos como sistemática de trabalho classificá-los em termos de categorias temáticas. Essa iniciativa nos proporcionou os seguintes temas: saúde da mulher, adolescência, feminismo, homens e mercado de trabalho, políticas públicas - saúde - trabalho, dados estatísticos sobre horas trabalhadas no mercado de trabalho, população alvo não brasileira, mulher e ensino superior e conciliando atividades. Excluímos os oito primeiros e escolhemos o último para a presente revisão, pois é o que conversa diretamente com nossa temática. Deste modo, esse processo seletivo nos brindou com um total de 07 artigos.

Os 07 artigos foram estudados e classificados em paradigmas. Segundo Guba e Lincoln (1994), paradigma conceitua-se como conjunto de crenças que revelam a visão de mundo adotada pelo pesquisador e na pesquisa. Ao optar por um determinado paradigma, o investigador deve considerar as questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas. Guba e Lincoln (1994) descrevem quatro paradigmas de investigação: positivista, pós-positivista, crítico e construtivista.

O positivismo e pós-positivismo são os paradigmas mais empregados em pesquisas das ciências exatas, que verificam hipóteses e explicam os fenômenos a partir de um pesquisador neutro e isento de valores. A pesquisa positivista assume a realidade como sendo conduzida por leis e mecanismos imutáveis. As hipóteses são formuladas e verificadas recorrendo-se a métodos quantitativos. O pós-positivismo responde às principais críticas do positivismo, ampliando o olhar para a formulação de hipóteses e contestações (Guba & Lincoln, 1994).

O construtivismo e o paradigma crítico são os paradigmas mais empregados em pesquisas na área das ciências humanas. A base ontológica do paradigma construtivista deriva do relativismo, ou seja, de realidades construídas em planos locais e específicos. Sua epistemologia não fica presa a descobertas objetivas, mas àquelas que surgem no processo relacional entre os participantes da pesquisa e, coerentemente, sua metodologia é dialógica e hermenêutica. Os pesquisadores inseridos nesse paradigma orientam-se para a produção de interpretações reconstruídas do mundo social, comprometem-se com o estudo do mundo a partir da

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

consideração do sujeito em interação. O paradigma crítico parte do pressuposto ontológico de que a realidade é modelada por fatores políticos, sociais, culturais, econômicos, étnicos, etc., que são cristalizados em uma estrutura tomada como natural e imutável (Guba & Lincoln, 1994). Neste paradigma, a natureza da relação entre o investigador e os participantes é interrelacional, mediada pelos valores do pesquisador, enquanto a metodologia utilizada é dialógica e dialética (Guba & Lincoln, 1994).

Resultados

Na Tabela 1 apresentamos os artigos selecionados que estão inseridos no eixo temático Conciliando Atividades com ano de publicação, autoria, área, revista, metodologia e paradigma epistemológico. As apreciações gerais estão nas Tabelas 2.

Tabela 1. *Artigos do eixo Conciliando Atividades descritos com Ano, Autor, Título, Área, Metodologia e Paradigma Epistemológico*

I	Ano / Autores	Título	Área / Revista	Metodologia	Paradigma Epistemológico
CA1	2018 Medeiros & Pinheiro	Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013	Economia / Revista Sociedade e Estado	Análise de dados estatísticos do PNADs	Positivista
CA2	2017 Madalozzo & Blofield		Economia / Rev. Estud. Fem. [online]	Entrevistas estruturadas individuais com análises estatísticas dos resultados	Pós-positivista
CA3	2016 Barbosa & Alvarez	Trabalho feminino no setor <i>offshore</i> na Bacia de Campos-RJ: percepção das trabalhadoras e estratégias usadas na gestão dos tempos de vida e de trabalho	Sistemas de Gestão / Gest. Prod.	Entrevistas semiestruturadas tanto individuais quanto coletivas com análise qualitativa de resultados	Construtivista
CA4	2016 Cunha & Vasconcelos	Fecundidade e participação no mercado de trabalho brasileiro	Economia / Nova econ. [online]	Análise de dados estatísticos do PNADs	Positivista
CA5	2016	A desigual divisão sexual do	Economia / Estud. av.	Análise de dados	Pós-positivista

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

	Sousa & Guedes	trabalho: um olhar sobre a última década		estatísticos do PNADs	
CA6	2015 Queiroz & Aragón	Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras	Economia / Estud. Econ.	Análise de dados estatísticos do PNADs	Pós-positivista
CA7	2013 Vieira & Amaral	A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher	Psicologia / Saude soc. [online]	Entrevista com análise de conteúdo	Crítico

Tabela 2. *Apreciação Geral dos Artigos do Eixo Conciliando Atividades*

Nº	Apreciação Geral
CA1	<p>O estudo investigou a desigualdade de gênero no uso do tempo para trabalho no Brasil, concluindo que há muita desigualdade dentro do grupo dos homens bem como dentro do grupo das mulheres e que os trabalhos femininos, pago e não pago, são os que mais contribuem para a desigualdade total na sociedade, visto que o trabalho doméstico masculino não é frequente. As mulheres invariavelmente trabalham mais que os homens, somando tempo de trabalho remunerado com tempo de trabalho não remunerado, ou seja, doméstico.</p>
CA2	<p>O estudo investigou a diferença de gênero no mercado de trabalho, sua relação com as responsabilidades familiares em população de baixa renda, concluindo que as obrigações de cuidado das crianças são distribuídas de forma desigual entre os pais, mesmo quando as mães trabalham fora de casa. As mulheres encontram dificuldade para conciliar as responsabilidades familiares com o mercado de trabalho, além de existir discriminação para a contratação de mães de crianças pequenas, o que causa impacto na renda familiar. A falta de creches e pré-escolas públicas tem impacto direto na decisão das mães em participar ou não do mercado de trabalho.</p>
CA3	<p>O estudo investigou as relações entre vida familiar e vida profissional de trabalhadoras <i>offshore</i>, concluindo que as mulheres adiam a maternidade ou têm dificuldades para conciliar a maternidade com o trabalho <i>offshore</i>, e precisam de uma boa infraestrutura para continuar nessas funções, como o apoio de empregada doméstica e familiares que auxiliem nos cuidados do lar e com a família.</p>
CA4	<p>O estudo investigou os determinantes da fecundidade e da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, concluindo que, quanto à fecundidade, os efeitos dos salários são maiores entre as mulheres de baixa renda, refletindo o maior custo de oportunidade de ter filhos para elas. Quanto à participação no mercado de trabalho, a sensibilidade em relação aos salários é menor entre as mais pobres, o que pode indicar que outras variáveis estão afetando o comportamento das mulheres, tais como cultura, religião, falta de</p>

- acesso a creches e à informação. Captou-se a tendência atual de queda na fecundidade e de aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, mas o fato de ser casada reduz a participação delas. Há uma correlação negativa entre fecundidade e participação no mercado de trabalho, concluindo que a grande responsabilidade da mulher no cuidado com os filhos, a impede de se inserir no mercado e que aquelas que trabalham podem decidir restringir o tamanho de suas famílias.
- CA5 O estudo investigou a divisão sexual do trabalho no Brasil e entre suas regiões, concluindo que permanece uma separação laboral que reserva aos homens, de forma predominante, os espaços produtivos, apesar da elevação em sua participação doméstica, e, às mulheres, uma maior participação no mercado de trabalho, mas que não veio acompanhada de uma compensação na realização do trabalho doméstico, que continua como tarefa exclusiva e pouco compartilhada com os homens. As mulheres adiam a maternidade e reduzem o número de filhos, a fim de poderem investir em suas profissões, até atingirem uma determinada estabilidade ou sucesso profissional.
- CA6 O estudo investigou a participação feminina no mercado de trabalho e quantidade de horas de dedicação à atividade profissional, concluindo que a educação, a condição de ser chefe de família, e o acesso à creche colaboram para aumentar a inserção da mulher no mercado de trabalho, enquanto que o casamento, a maternidade, a construção da família e o salário do marido reduzem a oferta de trabalho para as mulheres. O acesso a creches eleva a probabilidade de inserção feminina no mercado de trabalho, bem como as horas trabalhadas e a renda do marido apresenta efeito negativo sobre a decisão de trabalho da mulher. Para estimular a entrada das mulheres no mercado de trabalho é necessário maior investimento em educação da mulher e ampliação da oferta de creches.
- CA7 O estudo investigou mulheres em tripla jornada, conciliando as atividades profissionais, o cuidado com a família e as exigências da educação continuada, concluindo que as mulheres interiorizam um sistema de disposição eminentemente masculino que orienta as suas escolhas e ações, no campo familiar, educacional e do trabalho. Portanto, o conceito de gênero reflete uma estrutura de dominação simbólica e relacional, mesmo que elas não tenham consciência disso. Para conciliarem os novos papéis, as mulheres continuam a adotar o mecanismo de externalização das atividades domésticas para outras mulheres, as empregadas domésticas e de contar com o “apoio” do marido, revelando que a mulher se coloca como ser menos capaz, que precisa de um protetor. O ideal das mulheres é o de ser beija-flor, ágeis, bem-sucedidas em todos os papéis, mas com leveza e sem perder a feminilidade.

Divergências e Convergências da Literatura Encontrada

Os artigos convergem ao investigarem as mulheres que desenvolvem atividade profissional, enquanto permanecem como as principais responsáveis pelo lar, ou seja, envolvidas em tarefas domésticas e de cuidado com os familiares, por isso o intitulamos o eixo temático como Conciliando Atividades. Ao nosso ver, a conciliação de atividades

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

inclui mulheres com vida profissionalmente ativa e que são as mantenedoras da ordem do lar, podendo ser solteiras que vivem sozinhas ou com a família, mas também casadas e/ou com filhos. É interessante salientar que mulheres com trabalho remunerado e que cuidam de familiares idosos ou doentes são incluídas neste eixo, porém não encontramos artigos vinculados a tal aspecto. Entretanto, consideramos que os textos CA1, CA2, CA5 e CA7, abordam especificamente o que chamamos de dupla jornada, ou seja, mulheres que conciliam atividade profissional com tarefas domésticas e cuidado dos filhos.

Enquanto CA2 investigou mães e pais de crianças com menos de seis anos de idades e de baixa renda, por considerarem que nesse grupo conflitos entre trabalho remunerado e não remunerado são mais graves; CA7 realizou pesquisa com mulheres com pós-graduação e provenientes de extrato social elevado. CA2 apresenta a desigualdade na distribuição das tarefas domésticas e cuidados das crianças entre os pais, mesmo quando as mães trabalham fora de casa, além disso, aponta a falta de creches e pré-escolas públicas. Essas mulheres inserem-se no mercado de trabalho para melhorar a renda familiar ou para sustento da família, quando são separadas ou mães solteiras. As mulheres que participaram da pesquisa de CA7 tinham filhos adolescentes ou jovens adultos, fizeram carreira e ocupavam cargos de direção ou eram autônomas.

Em CA2 e CA7 as mães assumem mais responsabilidades que os pais, quanto ao cuidado dos filhos e tarefas domésticas. Porém, as mulheres de baixa renda encontram uma rede de apoio mais frágil, com dificuldade de acesso a creches ou pré-escola e assumem, praticamente sozinhas, todas as tarefas domésticas. As mulheres do estudo CA7 assumem mais responsabilidades que seus companheiros no âmbito familiar, mas possuem condições financeiras para pagar boas escolas para seus filhos e contam com a ajuda de uma empregada doméstica para as tarefas do lar. A partir destes estudos fica evidente que, independente da classe social e do nível de instrução, as mulheres sofrem com a distribuição desigual das responsabilidades com filhos e casa, porém aquelas de baixa renda encontram mais dificuldade quanto à rede de apoio e, em decorrência, sofrem mais discriminação por parte dos empregadores, que as consideram menos comprometidas com o trabalho que os homens, pois poderão ausentar-se para cuidar dos filhos quando ficam doentes.

CA1 e CA5 concluem que há uma desigualdade de gênero no tempo dedicado ao trabalho remunerado e não remunerado. Os homens ainda contribuem pouco com as

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

tarefas domésticas, que continuam sendo tratadas como exclusivas das mulheres. Porém, diferentemente dos outros dois estudos, CA2 e CA7, não abordam as dificuldades encontradas para conciliar essas atividades, apenas apresentam os valores numéricos que confirmam a diferença.

Os estudos CA4 e CA6, que são da área de economia, investigam os efeitos dos salários sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho, concluindo que contribuem para o aumento, a educação, a condição de ser chefe de família e o acesso a creches, enquanto que a maternidade, o casamento e o salário do marido reduzem. CA4 estuda uma variável a mais, ou seja, a relação entre fecundidade e inserção no mercado de trabalho. A oferta de emprego é reduzida para mulheres-mães de baixa renda, visto que elas terão dificuldade para encontrarem creches ou redes de apoio para o cuidado das crianças. Aquelas que pretendem manter seus empregos acabam reduzindo o número de filhos. Esses estudos apontam a dificuldade das mulheres que são mães para inserção no mercado de trabalho, porém não discorrem sobre os problemas que elas encontram para compatibilizar vida profissional e cuidado de filhos. Assim, diferenciam-se de CA2 e CA7 que abordam explicitamente a dupla jornada e os obstáculos para conseguir conciliar.

O estudo CA3 tem um desenho de pesquisa diferente dos demais ao investigar trabalhadoras *offshore*, ou seja, mulheres que trabalham 14 dias em plataformas de petróleo e a seguir folgam 14 dias. Embora encontrem dificuldade para conciliar cuidados com os filhos e atividade profissional, essas mulheres não fazem dupla jornada, pois ou trabalham na plataforma de petróleo ou permanecem em casa dedicando-se aos afazeres domésticos e filhos. Os resultados indicam que mulheres-mães precisam de uma rede de apoio confiável, sofrem por não estarem presentes em comemorações de aniversários e outras datas especiais, preocupam-se com a saúde e o bem-estar das crianças. Há conflitos quanto à manutenção do emprego, pois a remuneração é boa e ter filhos pode significar abandonar o emprego, desta forma, acabam adiando a maternidade. Essas trabalhadoras não encontram grandes dificuldades para conciliar trabalho e casamento, mas muitas abandonam o emprego quando decidem engravidar, o que pode indicar que é mais fácil compartilhar os afazeres domésticos do que os cuidados com os filhos.

Diálogo com as tendências da literatura estudada

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

O quadro geral de resultados indica que, na sociedade brasileira, apesar de as mulheres terem conquistado maior participação em espaços públicos e no mercado de trabalho, continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelos cuidados dos filhos (Barbosa & Alvarez, 2016; Cunha & Vasconcelos, 2016; Madalozzo & Blofield, 2017; Medeiros & Pinheiro, 2018; Queiroz & Aragón, 2015; Sousa & Guedes, 2016; Vieira & Amaral, 2013).

Essa dupla jornada causa sempre um desconforto emocional por se sentirem em conflito entre estarem menos tempo com os filhos ou diminuir o investimento em suas carreiras (Cunha & Vasconcelos, 2016; Madalozzo & Blofield, 2017; Queiroz & Aragón, 2015). Como em nossa sociedade o cuidado dos filhos é responsabilidade feminina, os homens parecem participar menos do que as mulheres ou, quando se envolvem, fazem-no na condição de ajudante ou apoiador, de modo que não há uma igualdade no compartilhamento de tarefas (Barbosa & Alvarez, 2015; Madalozzo & Blofield, 2017).

Para se dedicarem à dupla jornada, as mulheres sacrificam o tempo de lazer, ampliando o desconforto emocional, o que pode ser definido como sofrimento social por estar vinculado à forma como a sociedade organiza as relações de gênero e a criação dos filhos. Essa situação independe da classe social, da condição econômica, cultural ou grau de instrução e parece impactar todas as mulheres (Barbosa & Alvarez, 2016; Vieira & Amaral, 2013).

Evidentemente, as mulheres de classes sociais menos favorecidas sofrem mais o impacto da dificuldade para conseguir creche ou contar com ajuda, enquanto que mulheres de estratos sociais mais favorecidos podem contratar o serviço de empregadas domésticas e podem pagar boas escolas, que auxiliam no cuidado das crianças (Cunha & Vasconcelos, 2016; Madalozzo & Blofield, 2017; Queiroz & Aragón, 2015).

A constatação de que as mulheres reduzem o investimento na atividade profissional quando os filhos são pequenos, pode tanto evidenciar que a sociedade não oferece uma rede de apoio suficiente, como creches e escolas em tempo integral (Cunha & Vasconcelos, 2016; Madalozzo & Blofield, 2017; Queiroz & Aragón, 2015), como reverberar crenças imaginativas, que circulam no espaço social, conforme as quais a mãe biológica deveria ser a principal cuidadora (Barbosa & Alvarez, 2016; Vieira & Amaral, 2013). Por outro lado, também devemos considerar que uma reorganização da rotina pessoal, com vistas a criar maior disponibilidade para o exercício da maternidade, também pode indicar que há mães que revelam capacidade de se preocuparem

genuinamente com seus filhos, de se sensibilizarem com os modos de ser do bebê e da criança, que necessitam de proteção – ao mesmo tempo em que usufruem de condições materiais suficientemente boas para diminuir ou ausentar-se do mundo laboral. Trata-se de uma posição compatível com certa estabilidade financeira que pode combinar-se com maior maturidade emocional do ponto de vista individual, a partir da qual podem se articular-se harmoniosamente as gratificações inerentes ao convívio com crianças e preocupações sociais autênticas, que incluem o cuidado com o futuro.

Ademais, como evidenciado entre algumas das pesquisas, as mulheres que trabalham em áreas majoritariamente masculinas sofrem pelos preconceitos velados, apoiados na crença da mãe biológica ser a melhor cuidadora. Lembramos o estudo de Frohlick (2006) que discorre sobre uma grande discussão moral realizada a partir do fato de uma alpinista, mãe, morrer ao descer a segunda maior montanha do mundo. Exercer uma atividade que gera risco de morte é vista como negativa para as mães, que são condenadas como egoístas ou obcecadas. Em contrapartida, os pais alpinistas não parecem carregar os mesmos pesos e responsabilidades pela decisão de ficar longe da família e arriscar-se.

Os artigos analisados indicam que as mulheres cobram-se como cuidadoras principais dos filhos e sofrem por não estarem se dedicando exclusivamente a essa tarefa. No mercado de trabalho são discriminadas por serem consideradas menos comprometidas. Percebe-se, portanto, que essa organização revela uma sociedade que, provavelmente de modo não consciente, não se preocupa devidamente com o cuidado das crianças e com o bem-estar de sua população, vale dizer, com seu próprio futuro, principalmente se considerarmos que o problema de equilibrar trabalho e família não é apenas uma questão feminina, é uma questão social, envolvendo homens e mulheres, governo, empresas e instituições.

Considerações Finais

Podemos afirmar que os estudos selecionados, na presente revisão, mostram sob diversas perspectivas que a mulher é vítima de preconceitos e que sofre em decorrência de imaginários que indicam que ela estaria naturalmente preparada para cuidar dos filhos. Ora, considerando que cuidar de crianças é tarefa altamente complexa, podemos afirmar que nos encontramos diante de uma situação que pode facilmente gerar sofrimento social, que é vivido pelas mulheres, especialmente aquelas que são mães,

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

dentro deste contexto de relações de gênero e de organização de cuidados com as crianças em nossa sociedade.

Não encontramos, no conteúdo dos artigos analisados, o estudo das vivências das mulheres. Ao contrário, observamos pesquisas pouco conectadas com o drama vivido por elas, que apresentam o processo de inserção da mulher no mundo laboral como uma questão que depende apenas de organização e decisão próprias. Outros estudos abordam a diferença de distribuição de tarefas domésticas, porém a discussão limita-se ao aspecto físico, ou seja, trata do fato da mulher estar mais sobrecarregada

Finalizamos lembrando que nossa proposta é compreender o sofrimento emocional das mulheres que exercem a dupla jornada, pois entendemos que apenas a construção de mais creches, a terceirização de cuidado com a casa e com os filhos ou a contratação de domésticas não seja a solução. É interessante refletirmos sobre a forma como essas mulheres estão inseridas socialmente, seus contextos familiares, o relacionamento entre aquelas que são mães e seus companheiros ou pais das crianças. A partir da consideração desta complexidade é que poderemos compreender os sofrimentos, os conflitos, os sentimentos de culpa e a falta de apoio que permeiam as crenças sociais a respeito das mulheres, principalmente daquelas que são mães.

Referências Bibliográficas

- Barbosa, A. R. G. & Alvarez, D. (2016). Trabalho feminino no setor *offshore* na Bacia de Campos-RJ: percepção das trabalhadoras e estratégias usadas na gestão dos tempos de vida e de trabalho. *Gestão & Produção*, 23(1), 118-131.
- Bartky, S. L. (1990). *Femininity and Domination: Studies in the Phenomenology of Oppression*. New York, NY: Routledge.
- Bleger, J. (2007). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires, Argentina: Paidós. (Original publicado em 1963)
- Cunha, M. S. & Vasconcelos, M. R. (2016). Fecundidade e participação no mercado de trabalho brasileiro. *Nova Economia*, 26(1), 179-206.
- Ferreira, G. F., Bastos, S. A. P. & D'Angelo, M. J. (2018). A Look At Women's Transition From Formal Labor To Self-Employment Based On Endogenous Stimuli. *RAM, Rev. Adm. Mackenzie*, 19(2).

16ª JORNADA APOIAR: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

- Frohlick, S. (2006) Wanting the Children and Wanting K2: The incommensurability of motherhood and mountaineering in Britain and North America in the late twentieth century. *Gender, Place and Culture* (13) 5, 477–490.
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In: N. K. Denzin & U. S. Lincoln (Eds.) *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks CA: Sage. 105-117.
- Losada, B. L & Rocha-Coutinho, M L. (2007). Redefinindo a atividade profissional feminina: Caso das pequenas empresárias. *Psicologia em Estudo(Maringá)*, 12(3), 493-502.
- Madalozzo, R.& Blofield, M. (2017). Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família? *Revista Estudos Feministas*, 25(1), 215-240.
- Medeiros, M. & Pinheiro, L. (2018). Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. *Sociedade e Estado*, 33(01), 161-187.
- Queiroz, V. dos S. & Aragón, J. A. O. (2015). Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 45(4), 787-819.
- Schulte, A.A., Gallo-Belluzzo, S.R. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2016). Experiência emocional sobre a maternidade veiculada em blogs brasileiros: considerações iniciais. In Tardivo, L.S.L.P.C. (org.) *Anais da XIV Jornada Apoiar - Saúde mental e interdisciplinaridade: Propostas e pesquisas*, São Paulo: IP/USP, 235-245.
- Schulte, A.A., Gallo-Belluzzo, S.R. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2017). Mãe brasileira trabalhando no exterior: considerações preliminares. In Tardivo, L.S.L.P.C. (org). *O procedimento de desenhos-histórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso* (e-book), São Paulo: IP/USP, 286-305.
- Sousa, L. P. de & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139.
- Vieira, A. & Amaral, G. A. (2013). A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde e Sociedade*, 22(2), 403-414.
- Visintin, C. D. N. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Motherhood and social suffering in Brazilian mommy blogs. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 19(2), 108-116. Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba, SC: Appris.
- Zulato-Barbosa, P. & Rocha-Coutinho, M. L. (2012). Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 577-587.